

ISRG Journal of Multidisciplinary Studies (ISRGJMS)



ISRG PUBLISHERS

Abbreviated Key Title: isrg j. multidiscip. Stud.

ISSN: 2584-0452 (Online)

Journal homepage: <https://isrgpublishers.com/isrgjms/>

Volume – II Issue - V (May) 2024

Frequency: Monthly



PANORAMA FILOSÓFICA DAS QUESTÕES FEMININAS

Martinho Borromeu

Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL)

| Received: 19.05.2024 | Accepted: 22.05.2024 | Published: 23.05.2024

*Corresponding author: Martinho Borromeu
Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL)

Abstract

Este artigo tem como tema o pensamento de Edith Stein (1891 – 1942). Como objeto específico, o estudo se volta para o tratamento por ela dispensado à condição da mulher e, mais propriamente, à sua formação. O problema de pesquisa se efetiva na questão de como a filósofa tratou a condição feminina e seu processo formativo. Do contexto de suas obras se descortina uma preocupação ampla com o ser humano que se espraia, posterior e gradativamente, em reflexões que firmam uma abordagem inovadora sobre a condição feminina. Inserida no contexto da fenomenologia aproximada do cristianismo, elemento de decisiva importância, a autora busca compor o quadro de valorização da mulher desde sua própria condição, Stein não rompe com a perspectiva masculina, mas ela busca propor uma formação harmoniosa que corresponda a natureza humana como espécie masculina e como espécie feminina é preciso lembrar que estamos no início dos movimentos feministas. Edith Stein reflete sobre a Igualdade de Gênero. Sendo assim, num primeiro momento se faz uma incursão para situar o tema da mulher no contexto histórico e filosófico de Stein, posteriormente, explorar a fenomenologia como método de trabalho e, a partir dela, como parte final, se dedica a explicitar os dramas da vocação, da educação e da questão de gênero.

Keywords: Chave : Edith Stein; Fenomenologia; Mulher; Identidade; Gênero; Formação da Mulher.

INTRODUÇÃO

Nasceu na Alemanha, Edith Thereza Edwin Stein, teóloga e filósofa que cresceu em berço judeu¹, mas, em decorrência de seus

estudos e de sua experiência de vida, converteu-se à fé cristã. Conforme Pezzella (2003, p. 9), a imersão na filosofia católica e na fenomenologia ofereceu as bases para a intrigante pergunta áptica

¹ Edith Stein escreve na sua autobiografia: “Ancora oggi é per mia madre grandissima gioia seminare, raccogliere e regalare agli altri parte abbondante del raccolto. In tal modo, si attiene all’antica usanza ebraica per cui le premizie d’ogni tipo non si mangiano, ma si regalano. (Ad ogni modo, non le riesce sempre

decidere di darli agli autentici poveri, come dovrebbe avvenire, poiché viene a trovarsi in conflitto con il grande amore per i suoi consanguinei, soprattutto per i suoi fratelli”. (Tradução nossa) (STEIN, 1992. p. 37).

da antropologia filosófica, ou seja, a indagação sobre *o que é o ser humano?* Desse modo, os principais trabalhos de Edith Stein refletem com profundidade os desafios sobre a pessoa humana e seu mistério e são desenvolvidos em obras tais como: *O problema da empatia; Estrutura da pessoa humana* (1932); *Ser finito e Ser eterno* (1932); *Cursos antropológicos ministrados* (1933) entre 1932 e 1933 e *Ciência da cruz* (1933).

Ao referir-se a Stein, Spinelli (1996, p. 5),² nomeia-a como uma das mulheres mais importantes do século XX. Os traços marcantes em seu itinerário, tanto acadêmico, quanto pessoal e espiritual, destacam a força de uma intelectual sensível aos problemas morais, éticos, sociais e existenciais de sua época que estimulam eficazmente o diagnóstico onde se vê:³ “[...] o homem de hoje cansado de mentiras, massificação, individualismos, perdas e sedento de verdade: paixão é o eixo dominante de seu pensamento.”

Stein nasceu em Breslau, Alemanha⁴, no ano de 1891. A perda precoce de seu pai, Siegfried Stein, decorrente de uma insolação durante viagem a negócios⁵, obrigou sua mãe, Augusta Courant, à dupla responsabilidade de gerir os negócios deixados pelo marido e a cuidar dos filhos. Peretti (2009, p. 28-29) afirma que, com energia e determinação, Augusta transformou o comércio de madeira em uma pequena empresa que garantiu estabilidade econômica à família. Essas características foram internalizadas por Edith, e guiaram sua educação, ela incorpora, dessa maneira, hábitos que auxiliarão futuramente na autonomia ética e moral, como descreve⁶:

Tanto ela é indulgente e serviçal com os outros, quanto é absolutamente intolerante com relação a certos defeitos de caráter: sobretudo com a falsidade, a falta de pontualidade e com o orgulho excessivo. Não suporta as pessoas que amam falar de si e que nunca terminam de elogiar suas ações próprias, e não disfarça sua reprovação. Torna-se muito triste quando às vezes – ou por brincadeira ou por seriedade – afirmamos que era uma sogra ruim. Mas, o sentido da peculiaridade familiar, fortemente acentuado, sempre constituiu um obstáculo para acolher elementos estranhos. O juízo: ‘são totalmente diferentes de nós’, na boca de minha mãe e de minhas irmãs Frieda e Rosa representavam uma clara linha de separação. Os meus irmãos já se encontraram em difíceis situações e somente uma grande fidelidade e bondade de ânimo evitaram uma ruptura. Ambos vivem felizes com suas esposas e são por outro lado fortemente influenciados.

Tais posicionamentos, como “ninguém te ordenou de fazer alguma coisa e não existe ninguém que possa fazê-lo: faça aquilo que achar

² A referência é retirada da ficha crítica do filme *a sétima morada*.

³ PERETTI, Clélia. *Edith Stein e as questões de gênero*. p. 26.

⁴ Atualmente, uma cidade da baixa Silésia, localizada em Wrocław, Polônia.

⁵ A perda do pai na família ocorre após transferência dos cônjuges da cidade de Lublinitz para Breslau, em busca de melhores condições econômicas e para garantir um futuro melhor para seus filhos.

⁶ STEIN, Edith. *Storia di una famiglia ebrea. Lineamenti autobiografici: l'infanzia e gli anni giovanili*. p.43.

justo”⁷ ou “não te obriguei”, dizia”⁸, foram maneiras pedagógicas que Stein absorveu e carregou durante toda sua empreitada existencial. No que se refere à fé, escreve que, “Max e Else eram completamente ateus; não existia religião na sua casa. Aqui me habituei a rezar muito conscientemente e por livre decisão. Não pensava no meu futuro, mas vivia na convicção de que estava destinada a algo de grande”⁹. Uma grandeza que pode ser expressa em sua original inovação antropológica conforme nota Peretti¹⁰:

Edith Stein contribui com suas reflexões para o desenho de uma nova antropologia feminina. O que caracterizava a mulher no início do século XX era a busca da identidade, fenômeno que ainda perdura em nossa sociedade, marcada em alguns aspectos por uma cultura androcêntrica. Ao entrar na vida, a mulher encontrava certas pautas, normas e discursos que regulavam sua possível figura e faziam trilhar um caminho traçado pela sociedade. A mulher encontrava-se, de certa forma, sem liberdade e autonomia. Aquelas que desejavam inovar sentiam-se limitadas e constrangidas, talvez oprimidas. O slogan que marcava o movimento feminista da época era a emancipação. A mulher buscava libertar-se dos laços que a impediam o acesso à formação profissional, reservada apenas aos homens. Algumas feministas chegaram a negar a própria peculiaridade feminina. Essa era a maneira mais simples para eliminar o argumento da incapacidade e igualar-se aos homens, em todos os campos.

Em sua reflexão, Kusano¹¹ mostra que os trabalhos steinianos dividem-se em três partes. A primeira é reconhecida como a fase da fenomenologia, que tem como ponto de partida a sua tese doutoral sob orientação de Edmund Husserl, intitulada *Zum Problem der Einfühlung (O Problema da Empatia)*, defendida em 1916. A segunda parte caracteriza-se pelos estudos em relação ao caráter pedagógico-antropológico que ocorreu durante sua conversão ao catolicismo (1922) e pela transição do Carmelo de Colônia ao de Echt, na Holanda em 1938. É dessa maneira, no Carmelo de Echt, que se inicia a produção dos escritos místicos e, portanto, a terceira parte de seus trabalhos filosóficos.

Além destes, não se pode ofuscar, de modo algum, os ensaios filosóficos sobre a *mulher*, produzidos no primeiro período de seus escritos, uma vez que o tema deste trabalho está voltado para a temática da identidade e formação da mulher, a fim de mostrar de que maneira a fenomenologia auxilia-nos a apontar uma saída para o problema de toda a violência sofrida pela mulher. Para tanto,

⁷ “Non lasciarti influenzare; fa’ quello che tu ritieni giusto”. STEIN, Edith. *Storia di una famiglia ebrea. Lineamenti autobiografici: l'infanzia e gli anni giovanili*. p. 59.

⁸ “Non ti costringerò”, diceva”. STEIN, Edith. *Storia di una famiglia ebrea. Lineamenti autobiografici: l'infanzia e gli anni giovanili*. p. 126.

⁹ “Oltre a ciò Max ed Else erano completamente atei; la religione non esisteva in casa loro. Qui mi abituai anche a pregare molto consapevolmente e per libera decisione. Non riflettevo sul mio futuro, ma vivevo ancora, nella convinzione che mi aspettasse qualcosa di grande”. (Tradução nossa). (STEIN, 1992^a. p. 135).

¹⁰ PERETTI, Clélia. *Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein*, p. 206.

¹¹ KUSANO, M. B. *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. p. 20.

estabelece-se metodologicamente para este capítulo, uma subdivisão que estabelece uma compreensão tanto da fenomenologia de Edith Stein e sua relação com Edmund Husserl, quanto a fundamentação de que modo pode-se enfrentar tais problemas suscitados.

A fenomenologia na seara filosófica de Edith Stein

O objetivo que se apresenta na construção deste tópico não é, de modo algum, exaurir toda a construção teórica e os desdobramentos sobre a definição que encontramos na literatura filosófica em relação à fenomenologia, termo que aparece pela primeira vez na obra *Novo Organon* de Lambert¹² - que significa “descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição”¹³. A *fenomenologia* e seu objetivo é parte fundamental na formação de Stein, uma vez que seu método oferece uma compreensão de um fundamento para todo o conhecimento e, apesar das diversas possibilidades terminológicas e de significância que se apresenta nos horizontes filosóficos¹⁴.

A única noção hoje viva de Fenomenologia é a anunciada por Husserl em *Investigações lógicas* (1900-1901, II, p. 3 ss.), [...] e depois desenvolvida por ele mesmo nas obras seguintes. O próprio Husserl preocupou-se em eliminar a confusão entre psicologia e fenomenologia. Esclareceu que psicologia é a ciência de dados de fato; os fenômenos que ela considera são acontecimentos reais que, juntamente com os sujeitos a que pertencem, inserem-se no mundo espaço-temporal. A Fenomenologia (que ele chama de "pura" ou "transcendental") é uma ciência de essências (portanto, "eidética") e não de dados de fato, possibilitada apenas pela redução eidética, cuja tarefa é expurgar os fenômenos psicológicos de suas características reais ou empíricas e levá-los para o plano da generalidade essencial. A redução eidética, vale dizer, a transformação dos fenômenos em essências.

Além disso, Ales Bello e Pezzella¹⁵ observam que o protagonismo de Stein, juntamente com Érika Gothe e Grete Ortmann, é um fenômeno singular, pois a presença feminina em outros grupos da época é reduzida a número inexpressivo¹⁶. O contato com Max Scheler¹⁷, Adolf Reinach e Hedwig Conrad-Martius foram cruciais

¹² Johann Heinrich Lambert (1728-1777) foi um filósofo, matemático e físico alemão. Suas obras se detêm aos estudos de matemática, física, astronomia e filosofia, dentre as quais, destaca-se *Neus Organon* (1764).

¹³ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia: Verbetes Fenomenologia*

¹⁴ ABBAGNANO, Nicola. Verbetes: Fenomenologia.

¹⁵ ALES BELLO, Angela e PEZZELLA, Ana Maria. *Il femminile tra oriente e occidente: religiones literatura cultura storia*. p. 199.

¹⁶ “E questo è un momento abbastanza singolare, infatti se osserviamo altri circoli filosofici di quegli anni ci rendiamo conto della quasi totalmente mancanza di figure femminili.

¹⁷ “Per me, come per molti altri, la sua influenza in quegli anni acquistò importanza anche al di là dell’ambito filosofico. Non ricordo in quale anno Scheler sia rientrato nella Chiesa cattolica. Non doveva essere da molto. In ogni caso, in quel período, aveva molte idee cattoliche e sapeva divulgarle facendo uso della sua brillante intelligenza e abilità linguistica. Fu così que venni per la prima volta in contatto con un mondo che fino ad allora mi era

para que o mundo cristão viesse as claras e “nesse ambiente de estímulos, Edith Stein consegue acolher gradativamente a fé cristã e, nota-se, que tal conversão se dá, primeiramente por contatos humanos”¹⁸.

Fato importante a ressaltar, é a influência duradoura de Husserl no pensamento de Stein¹⁹. Ao afirmar que o método utilizado é aquele de *ir dentro das coisas*, pressupondo a experiência como base do conhecimento que constitui a fonte dos objetos, afirma também que a única forma de experiência é a percepção. Assim²⁰:

A intuição doadora na primeira esfera natural de conhecimento e de todas as suas ciências é a experiência natural, a experiência originalmente doadora é a percepção, a palavra entendida em seu sentido habitual. Ter um real originariamente dado, ‘adverti-lo’ ou ‘percebê-lo’ em intuição pura e simples é a mesma coisa. Temos experiência originária das coisas físicas na ‘percepção externa’, não mais, porém, na recordação ou na expectativa antecipatória; temos experiência originária de nós mesmos e de nossos estados de consciência na chamada percepção interna ou de si, mas não dos outros e de seus vividos na ‘empatia’. ‘Observamos o que é

stato completamente sconosciuto. Ciò non mi condusse ancora alla fede, tuttavia mi dischiuse un campo di “fenomeni” dinanzi ai quali non potevo più esser cieca. Non per niente ci veniva continuamente raccomandato di considerare ogni cosa con occhio libero da pregiudizi, di gettare via qualsiasi tipo di ‘paraocchi’. I limiti dei pregiudizi razionalistici, nei quali ero cresciuta senza saperlo, caddero, e il mondo della fede comparve improvvisamente dananzi a me. Persone con le quali avevo rapporti quotidiani e alle quali guardavo con ammirazione, vivevano in quel mondo. Doveva perciò valere la pena almento di riflettervi seriamente. Per il momento non mi occupai metodicamente di questioni religiose; ero troppo occupata in molte altre cose. Mi accontentai di accogliere in me senza opporre resistenza gli stimoli che mi venivano dall’ambiente che frequentavo e - quasi senza accoglierme - ne fui pian piano trasformata”. (STEIN, 1992a, p. 237-238).

¹⁸ PERETTI, Clélia. *Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica*. p. 41.

¹⁹ Mesmo que, Edith Stein tome uma posição de continuidade-distanciamento com seu mestre, ela continuará fiel ao seu método até a morte. Se confrontarmos seu pensamento com algumas posições da filosofia ou teologia contemporâneas, num primeiro momento, se nos apresenta inatual: por ser muito elaborado para quem cedeu à luta pela compreensão da realidade; muito ligado à tradição, para quem criticou a metafísica ocidental; espiritualista por aqueles que vacilam entre teologia e psicologia; muito feminino para quem considera a busca intelectual uma peculiaridade masculina. Mas é essa conotação feminina que nos consente compreender a abrangência dos campos de sua pesquisa, dos problemas, das dimensões encontradas em suas obras. Essa abrangência a conduz a percorrer os caminhos da experiência religiosa. O mundo-da-vida, as ciências, o patrimônio artístico-cultural de uma civilização continuam se propondo incansavelmente como um desafio com relação aos nossos valores. Tais valores podem encontrar respostas carregadas de sentido em filosofias e pensadores que não sejam contaminados por dualismos do tipo teoria e práxis, determinismos e finalismos (PERETTI, 2009, p. 98).

²⁰ HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. pp. 33 – 34.

vivido pelos outros' fundados na percepção de suas exteriorizações corporais. Essa observação por empatia é, por certo, um ato intuitivo, doador, porém não mais originalmente doador. O outro e sua vida anímica são traduzidos à consciência como estando 'eles mesmos ali', e junto com o corpo, mas, diferentemente deste, não como originalmente dado.

A busca pelo realismo é no que consistem as características principais da fenomenologia, pois é aplicado ao estudo do sujeito humano e evita olhadelas superficiais na dinâmica interna do sujeito²¹. Esse modelo de fenomenologia se contrapõe a uma fenomenologia idealista. Em virtude disso, é preciso fazer um minucioso trabalho de escavação em busca de um terreno que seja especulativo para buscar o sentido das coisas que se apresentam. Para Kusano²² a objetividade do conhecimento, que é foco no estudo da fenomenologia.

[...] nos ajuda a entender, por um lado, a polêmica de Husserl contra o psicologismo defendido por Theodor Lipps, bem como a atração de seus alunos pela fenomenologia e, por outro, ilumina a descoberta feita por Edith Stein sobre o estado incipiente da psicologia de sua época. Amparada no texto acima mencionado, a autora insiste que a ideia de uma verdade absoluta, aliada ao conhecimento objetivo que lhe corresponde, são méritos das *investigações lógicas* e evidenciam a convicção de Husserl contra as várias tendências relativistas da filosofia contemporânea, tais como o naturalismo. O psicologismo e o historicismo. Isto significa dizer, em outras palavras, que a verdade, diferente do que pensa uma grande parte da filosofia moderna, não é produzida pelo espírito humano, mas por ele descoberta.

Uma outra influência duradoura na composição dos escritos de Stein é a de Tomás de Aquino. Conhecido pela *Suma Teológica*, e pela *Suma contra os Gentios* e *Ente e Essência*, Assim, Miribel recorda Stein:²³

Desde antes de minha conversão já era meu desejo entrar para a vida religiosa, isto é, esquecer os acontecimentos da terra, ocupar-me somente das coisas de Deus. Pouco a

²¹ A fenomenologia nos oferece chaves interpretativas para compreender a estrutura do ser humano nas suas dimensões corpórea, psíquica, espiritual, e nos habilita a compreender as relações que se estabelecem com o mundo-da-vida²¹², ou seja, as modalidades com as quais a vida humana se desenvolve e as formações culturais práticas-cognoscitivas dos seres humanos. O ser humano é objeto do mundo-da-vida, mas também sujeito. O mundo para nós existe porque nós existimos, mas o mundo pode existir também fora da existência dos seres humanos. O mundo é mundo para nós na medida em que nós nos damos conta desse mundo. Estamos nele, constantemente ativos em nossa consciência, dentro deste mundo que nos acompanha passivamente. O mundo circunstante se apresenta unitário e múltiplo ao mesmo tempo, numa multiplicidade de aspectos, situações, comportamentos, que buscamos compreender nas suas características essenciais (PERETTI, 2009, p. 101).

²² KUSANO, M. B. *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a Filosofia*. p. 27.

²³ MIRIBEL, E. *Edith Stein: como ouro purificado pelo fogo*. p. 84.

pouco, porém, compreendi que a outra coisa nos era pedida o mundo e que mesmo entregue a uma nova vida contemplativa não se deve cortar toda ligação com o exterior. Lendo Santo Tomas, pareceu-me possível pôr o conhecimento a serviço de Deus e foi então, e somente então, que consegui retomar seriamente meus trabalhos. Pareceu-me, com efeito, que quanto mais uma pessoa é atraída para Deus, mais obrigada deve sentir-se a sair de si mesma para levar ao mundo o amor divino.

A mulher em Stein: Formação, vocação e educação

Edith Stein, perguntou-se constantemente, o que define o ser mulher, a sua identidade feminina. São apenas traços biológicos ou uma construção histórica? A reflexão contemporânea, apresenta-se contrária a respeito da construção linguística sobre a identidade de gênero que se solidificou majoritariamente a partir de uma concepção judaico-cristã. Essa "verdade" que atravessou a história, doravante, ganha novos olhares e interpretações ou apenas fazem jus aos aspectos que não foram reconhecidos durante a própria história?

Percebe-se que, frente à problemática, Da Rosa²⁴ aponta que a primeira onda do feminismo precisou ser reconstruída a partir dos aspectos do senso de responsabilidade social, que se reforça pela valorização do indivíduo. Esse enaltecimento requer, em vias da sistemática filosófica, uma preocupação antropológica, uma vez que sua investigação se volta para o estudo²⁵ "[...] das essências e da estrutura *eidética* do ser humano, da sua relação com os reinos da natureza (inorgânico, planta, animal) e com o princípio de cada coisa". A despeito disso, Stein²⁶ salienta que "aquilo que um homem faz é a realização daquilo que ele pode, e daquilo que ele não pode é, a expressão daquilo que ele é; com a atualização das suas faculdades no agir, na sua essência, consegue obter a máxima abertura do Ser".

Tais critérios remontam a uma espécie de essência da mulher; todavia, de que modo Stein expõe a ideia de uma essência feminina? A mulher, na concepção de Stein, possui internamente uma estrutura capaz de colocar-se a serviço, harmonizando as esferas nas quais está inserida, seja na arte, no trabalho ou serviços voluntários. Ela é aquela que, tornando-se inteiramente para si mesma, pode levar aos outros a totalidade das coisas e, é dessa maneira, que se torna companheira do homem. Ela busca a reconciliação, a paz, a educação, transmitindo seu saber do nível sentimental e emotivo, característica menos presente no homem; pois ele está mais voltado -para a exterioridade -firma como é mais lógico racional, menos empático e emotivo. É importante considerar que Edith Stein estabelece uma harmonia entre o masculino e o feminino. O homem possui características próprias.

Conforme Sberga²⁷, Stein molda o caráter ativo da mulher, opondo-se à visão de que a passividade é atribuída como uma característica, inata ou adquirida da mulher. Em seu sistema, a atividade é o conceito-chave para toda a educação. Ao tornar-se aquilo que é por natureza e vocação, a mulher não deve esquecer-

²⁴ DA ROSA, G. R. *Também há mulheres filósofas: uma obra para pensar a Educação e a Filosofia*. p. 83.

²⁵ PERETTI, Clélia. *Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein*, p. 200.

²⁶ STEIN, Edith. *Introdução à filosofia*. p. 78.

²⁷ SBERGA, A. A. *A formação da pessoa em Edith Stein*.

se de seus dons, mas aperfeiçoá-los. Seria incompatível à passividade, uma vez que as atribuições que Stein descreve para as mulheres, seja na vida pública, no casamento, na vida religiosa, nas profissões, são exclusivamente praticadas com uma vontade inerente de abrir-se à totalidade.

As profissões a que Stein se refere comportam, por um lado, os estigmas de terem sido consideradas apenas realizáveis por homens, tais como a indústria, administração, gestão de empresas, direito, governo, matemática e ciência; por outro lado, observa-se aquelas que foram estigmatizadas como apenas profissões de mulheres, tais como, médica, enfermeira, estudiosa, assistente social, ciências humanas. No entanto, existem mulheres com uma capacidade de serviço em profissões tidas como meramente masculinas, aponta Savian Filho, ao referir-se aos escritos da Stein²⁸. E isso, vemos a própria Stein fazer referências de que a mulher guarda afinidades com o trabalho de nutrição emocional desde que ela muitas vezes tem mais capacidade nativa de empatia do que o homem.

A questão, dessa forma, se estabelece de maneira mais profunda a partir da literatura filosófica de Stein que amplia os horizontes filosóficos ao conceber um problema dito filosófico. Aprofunda-se, dessa maneira também, na antropologia para fundamentar sua tese sobre a empatia, destrinchando camada por camada para alcançar o centro da pessoa humana. O tema da transvalorização do feminino é amplo e assegurado pelo estudo antropológico.

Massaggia²⁹ destaca que não é apenas o corpo material que é constituído de modo diferente, funções fisiológicas, psíquicas e as formas de vida também, assim como a relação da alma e do corpo. O feminino corresponde a um todo da personalidade da alma-corpo, que busca a integração. O masculino, ao contrário, corresponde ao reforço de faculdades individuais, o que possibilita alcançar maior êxito em realizações práticas. Assim, portanto, sobre a atividade integradora de Stein, por meio da atividade como professora podemos ver como esclarece Peretti³⁰:

Suas aulas são direcionadas ao aprofundamento da estrutura da pessoa humana. É solicitada por sua experiência de professora numa escola feminina, para publicar, em 1932, uma série de artigos intitulados “Ethos das profissões femininas”, escritos que refletem sobre os problemas que a mulher estava enfrentando. No primeiro grupo dos escritos, reflete de modo evidente a influência do método fenomenológico, por meio do qual pesquisa a relação que se estabelece entre os indivíduos e a sociedade. Evidência fortemente a importância da comunidade, como expressão da vida profunda de agregação humana que precede a sociedade e o estado, destacando a autonomia da pessoa humana. Embora apresente uma concepção bastante liberal sobre o indivíduo e a sociedade, predomina não o interesse pelo indivíduo, mas o respeito pela pessoa.

²⁸ SAVIAN FILHO, J. *Natureza feminina e direitos da mulher na filosofia de Edith Stein*. Revista Jurídica Portucalense/Portucalense Law Journal, n. 24, p. 24–35, 2018.

²⁹ MISSAGGIA, Juliana. *Sobre a originalidade de Edith Stein: o papel da distinção entre Körper (corpo físico) e Leib (corpo “vivo”) para a empatia e a constituição do eu*. Revista de Filosofia Aurora, v. 29, n. 48, 2017.

³⁰ PERETTI, Clélia. *Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein*. p. 59.

Desse modo, o resultado das investigações realizadas até o presente momento respondeu às perguntas que nos propomos inicialmente, e ao longo do trabalho? Stein apresenta alguma alternativa filosófica ao problema de gênero e violência? Até que ponto conceber uma essência feminina pautada em uma vocação “serviçal” não é uma maneira de afastar-se do problema real que se apresenta no cenário filosófico?

Uma busca por igualdade de gênero e o novo feminismo na perspectiva de Stein

Até aqui, vimos a relação de Edith Stein com Husserl, bem como o método fenomenológico como *mote* que estabelece uma compreensão da pessoa humana, assim como o aparecimento do movimento feminista, enquanto fenômeno que é objeto de análise fenomenológica. Além disso, discorreu-se sobre os aspectos fundamentais em sua filosofia, como a formação, vocação e educação da mulher, partes que constituem o ser integral do gênero feminino nas investigações steinianas, e sugeriu-se questões que vão de encontro com a própria autora, do ponto de vista de uma teoria que apresente a mulher não como uma “serviçal” da sociedade ou preparada para ser um “amuleto” de equilíbrio para o homem. Edith Stein registra³¹.

Esta questão básica das questões femininas remete, porém, aos princípios da filosofia. Para poder respondê-la de maneira satisfatória, é necessário ter clareza a respeito da relação entre gênero, espécie, tipo, indivíduo, isto é, a respeito dos problemas básicos da ontologia formal que, para mim, é aquilo que Aristóteles visava com sua primeira filosofia.

Peretti³², destaca que, ao levar essa afirmação à base das reflexões, Stein aprofunda-se nos conceitos aristotélico-tomistas e a definição recaí sobre o ser enquanto ente³³ ter por complemento a sua essência. A composição do homem e da mulher, conforme Stein, comportaria forma e matéria, corpo e alma que integram o ser humano. Fala-se dessa composição, pois é dessa determinação que se pode referenciar a capacidade de potencialização de algo, ou seja, falar de existência de algo. Disso decorre, de acordo com Peretti que³⁴:

Edith Stein vê a forma como uma força determinadora que faz com que as coisas se diferenciam umas das outras. É por meio da diversidade de formação da matéria, que podemos compreender o gênero e a espécie. O que devemos ter em mente é a busca de uma conceituação não determinada somente pela análise de um único indivíduo particular.

Apoiada na fenomenologia e nos conceitos aristotélicos-tomista, Stein concebe a peculiaridade da atitude feminina como³⁵:

³¹ STEIN, Edith. *El ethos de las profesiones femininas*. p. 166.

³² PERETTI, Clélia. *Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein*. p. 147.

³³ “O ser se divide em ser *eterno* (infinito) e ser *finito* (limitado), e em todos os seres finitos devemos distinguir *Ser* (Sein) e *ente* (Seiendes). O ente, segundo o seu conteúdo, ou seja, *aquilo que é*, se mostra múltíplice e se divide em diversos gêneros, aos quais corresponde um *modo de ser*” (STEIN, 1988, p. 305).

³⁴ PERETTI, Clélia. *Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein*. 148.

³⁵ STEIN, Edith. *El ethos de las profesiones femininas*. p. 169.

A atitude da mulher é pessoal sob vários aspectos. Primeiramente, ela gosta de dedicar-se com toda a sua pessoa àquilo que está fazendo. Além disso, tem um interesse especial na pessoa viva, concreta, tanto no que diz respeito à própria vida quanto a outras pessoas e assuntos particulares.

O doar-se para o outro desperta uma necessidade não apenas à mulher, mas ao ver esse aspecto da mulher, estende-se a todos os seres humanos. A percepção de Stein a essas características engloba a necessidade de que³⁶:

Estejamos conscientes de que nos encontramos no começo de uma grande revolução cultural, que estamos passando pelas doenças infantis e que ainda falta realizar um trabalho essencial e básico; que é necessário voltar à natureza do homem e da mulher para podermos preparar uma formação e distribuição profissional, que corresponda à índole de cada um, de modo que alcancemos, aos poucos, uma inserção natural dos sexos no corpo social.

Pode-se afirmar que Stein não é apenas uma daquelas mulheres que se inserem nos movimentos feministas. Mas, sua diferença está no modo como viveu o seu ser mulher no seio da sociedade, na sua educação, na ~~da~~ religião cristã de confissão Católica Romana. Seus escritos e conferências sobre a mulher tratam “de uma resposta indireta aos movimentos feministas da época, que havia conhecido, provavelmente, por meio de uma sua aluna de Friburgo, Gerda Walther³⁷”. Como elaborar um itinerário que abarque a teoria filosófica como um todo nesse cenário? É possível por meio do método fenomenológico direcionado a uma essência do ser humano efetivar uma *antropologia dual*?³⁸ Mas, esse caminho daria conta do problema igualdade de gênero?

Ora, se o feminismo é um fenômeno que acontece, então, pode-se afirmar que, levando em consideração os resultados apresentados até o momento, uma alternativa fenomenológica³⁹ para o problema da violência contra a mulher é uma compreensão desses movimentos que surgem enquanto motivadores da constituição

³⁶ STEIN, Edith. *El ethos de las profesiones femininas*. p. 161.

³⁷ “Cresceu em uma família atea, militante do grupo juvenil social democrático, Gerda Walter (1897-1977) converte-se ao cristianismo. Atraída pela leitura de Edmund Husserl, torna-se aluna fiel e original, revê não apenas suas ideias políticas, mas descobre também o mundo do espírito. Com sua obra “La fenomenologia della mística” (1955) faz uma tentativa de analisar a experiência mística seguindo os procedimentos do método fenomenológico com o objetivo de superar o materialismo do qual declarava sua falência. Tudo isso partindo da própria experiência, das vivências espirituais que busca descrever e compreender com capacidade extraordinária, oferecendo uma aprofundada análise dos processos psíquicos e intrapsíquicos e do mundo da interioridade” (WALTER, Gerda. *Fenomenologia della mística*. A cura di Angelo Radaelli. Milano: Edizioni Glossa Srl, 2008).

³⁸ ALES BELLO, Angela *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia feminina*. 2000.

³⁹ Nesse ponto, é preciso enfatizar que a impositação fenomenológica da filosofia não implica a redução da existência aparente e, por isso, não deve ser absolutamente confundida com fenomenismo. A fenomenologia se opõe ao empirismo, ao psicologismo, ao racionalismo e ao idealismo enquanto buscam apreender a inteira realidade entre esquemas prefixados.

própria da mulher, ou seja, do “Eu” e da relação com a sociedade enquanto gênero autêntico. Mas será que Stein estaria de acordo com tal afirmação?

A intenção não é desconsiderar ou minimizar os movimentos feministas que surgiram durante ou após as obras e conferências de Stein, pelo contrário, mostrar como essas abordagens surgem também com o mesmo intuito e objetivo. No entanto, é importante situar o feminismo de Stein, uma vez que a autora⁴⁰ “[...] é considerada como precursora de um novo feminismo na Igreja Católica; preconizou a saída da mulher da casa e sua inserção em quase todas as profissões”.

Uma das alternativas que se apresenta para o problema suscitado, geralmente, composta, por um lado, do ponto de vista de uma filosofia que é influenciada pelo processo religioso como o de Stein, que procurou estabelecer uma ligação entre filosofia e revelação, não se pode afirmar que o conceito “igualdade de gênero” teria uma concordância com uma abordagem não religiosa como de filósofas dos séculos subsequentes. Peretti, ainda mostra que a postura de Stein difere das demais⁴¹:

Edith Stein assume uma postura própria diante do feminismo ocidental do século vinte: a diferença dos movimentos que se empenharam na luta pela conquista dos direitos das mulheres, reflete sobre a natureza, a peculiaridade própria da mulher. Ela foi pioneira no aprofundamento da situação da mulher na Igreja e na sociedade. Na coletânea de ensaios sobre A mulher. Sua Missão segundo a natureza e a graça, descreve o papel da mulher do ponto de vista filosófico-teológico, e apresenta uma doutrina sobre a mulher.

Dessa maneira, feminino e masculino assumem formas que manifestam aquilo que os indivíduos são em seu corpo, alma e espírito. No indivíduo é encontrado o elemento feminino e masculino responsável pelo desenvolvimento da espécie humana. A espécie feminina comporta a personalidade psicofísica e a espécie masculina potencializa forças isoladas como esclarece Stein e esse aspecto pode ser ressaltado na convicção de que⁴²

A alma da mulher precisa ser ampla e aberta a tudo o que é humano; ela precisa ser cheia de paz, para que as pequenas chamas não sejam apagadas por vendavais; ela precisa ser quente, para que as sementinhas frágeis não se congelam; ela precisa ser clara, para que as ervas daninhas não possam alojar-se em cantos e dobras escuros; reservada, para que os assaltos de fora não ponham em perigo a vida em seu interior; vazia de si, para que a outra vida tenha lugar nela; e, finalmente, senhora de si e de seu corpo, para que toda a sua personalidade esteja preparada para atender qualquer chamado.

Tal convicção, unida a sua experiência didática, social, política e filosófico-cultural, difere das demais pois é única na antropologia cristã sobre a mulher. A imersão se dá a partir dessa compreensão integral do ser humano, que possui peculiaridades que podem ser alimentadas individualmente por características que desenvolvem o ser humano: aspectos femininos e masculinos. O que faz com que

⁴⁰ PERETTI, Clélia. *Edith Stein e as questões de gênero. perspectiva fenomenológica e teológica*. p. 155.

⁴¹ PERETTI, Clélia. *Edith Stein e as questões de gênero. perspectiva fenomenológica e teológica*. p. 159.

⁴² STEIN, Edith. *El ethos de las profesiones femininas*. p. 171.

essas características se revelam de grande importância no seio da sociedade para a tratar temas sobre a questão feminina na contemporaneidade, conforme, ainda, indicado por Peretti⁴³

É somente depois de ter fixado a atenção sobre os fundamentos filosóficos e teológicos que Edith Stein desenvolve seu discurso sobre a inserção da mulher na sociedade. A atividade profissional feminina extra doméstica não é contrária à natureza e à graça, desde que não contrarie a vida doméstica, ou seja, o bem e a harmonia do núcleo familiar. Por séculos as profissões extra domésticas foram confiadas ao homem. Essa é a luta do movimento feminino que, nos tempos de Edith Stein, reclamava a admissão das mulheres às diferentes profissões e que, na Alemanha, estavam tomando forma.

Ao traçar um paralelo dessa ideia de Stein com autores que estudam esse tema, percebe-se que as teorias feministas assumem uma discrepância. Para Butler, por exemplo, tais teorias implantaram uma certa identidade, entendida por meio da categoria das mulheres, que não só introduz os interesses e objetivos feministas no discurso, mas também se torna o sujeito para o qual se busca a representação política. Mas política e representação são termos que suscitam opiniões opostas. Por um lado, a representação funciona como termo operativo dentro de um procedimento político que visa ampliar a visibilidade e a legitimidade das mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é uma função normativa de uma linguagem que, aparentemente, mostra ou distorce o que é considerado verdadeiro sobre a categoria das mulheres. Para a teoria feminista, o desenvolvimento de linguagem que representa de forma adequada e completa para as mulheres tem sido necessário para promover sua visibilidade política. O que tem sido de grande importância, levando em consideração a situação cultural subsistente, na qual a vida das mulheres foi mal representada (ou não o foi). Conforme Butler⁴⁴:

Na verdade, a questão das mulheres como sujeito do feminismo levanta a possibilidade de que não haja sujeito que existe "antes" da lei, aguardando representação por lei. Talvez o sujeito e a invocação de um "antes" temporário seja criados por lei como um fundamento fictício de sua própria reivindicação de legitimidade. A hipótese prevalecente da integridade ontológica do sujeito perante a lei deve ser entendida como o vestígio contemporâneo da hipótese do estado de natureza, essa fábula fundacional que estabelece as bases das estruturas jurídicas do liberalismo clássico. A invocação performativa de um "antes" não histórico passa a ser a premissa fundadora que garante uma ontologia pré-social de indivíduos que concordam livremente em ser governados e, assim, formam a legitimidade do contrato social.

As questões de gênero no contexto de Stein

O que é ser mulher ou o que define o ser mulher? Pode-se defini-la unicamente por um dado físico e biológico? E se o psíquico expressar outra coisa? Essas são perguntas que a

contemporaneidade tem feito ao longo de todo seu desenrolar. As lutas, que constantemente ocorrem, marcam o modo como as mulheres buscam por reconhecimento e valorização de si. Mas, se como afirma Stein, a mulher participa com seu corpo, alma e espírito; se ela é aquela que vive para os outros, pois sua essência é aberta a uma interioridade e é isso que a identifica, como ainda pode-se lutar por igualdade de gênero, se o que difere é o dado sexual? Teria Stein alguma abordagem às questões de outros gêneros, além de feminino e masculino? Na literatura filosófica contemporânea a respeito desses assuntos, nota-se uma clara diferença do modo de pensamento de Edith Stein com Butler⁴⁵ e Beauvoir⁴⁶. Para Stein existe o gênero masculino e feminino. Um não pode mudar para uma cor ou vice-versa. Outros nomes da época, como Simone Weil⁴⁷, Hannah Arendt⁴⁸, Maria Zambrano⁴⁹, Hedwig Conrad-Martius⁵⁰ são destacados como figuras singulares da época, que se preocuparam com o contexto sociopolítico.

⁴⁵ Judith Butler é uma filósofa e teóricas contemporâneas do feminismo e teoria *queer*. É professora do departamento de literatura comparada da Universidade da Califórnia em Berkeley. Uma de suas obras importantes é *Subjects of desire: Hegelian reflections in twentieth-century France*.

⁴⁶ Simone Lucie-Ernestine-Marie-Bertrand de Beauvoir nasceu em Paris, em 1908, e morreu em 14 de abril de 1986. Formou-se em filosofia, em 1929, com uma tese sobre Leibniz. (ALES BELLO, Angela; BREZZI, Francesca (a cura di). *Il filo(sofaro) di Arianna. Percorsi del pensiero del Novecento*. Milano: Associazione Culturale Mimesis, 2001, p. 227).

⁴⁷ Simone Adolphine Weil nasceu em Paris, em 03 de fevereiro de 1909, e morreu em Ashford, em 24 de agosto de 1943. Escritora, filósofa francesa, defensora de uma prática mística, existencialismo cristão na linha de Kierkegaard, tornou-se operária da Renault (1934-1935), para escrever sobre o cotidiano dentro das fábricas; lutou na Guerra Civil Espanhola e morreu em greve de fome, protestando contra as condições em que eram mantidos os prisioneiros de guerra na França. (ALES BELLO; BREZZI, 2001, p. 159)

⁴⁸ Hannah Arendt nasceu em Linden (Alemanha), no dia 14 de outubro de 1906, e morreu em Nova Iorque, em 4 de dezembro de 1975. Foi aluna do filósofo Heidegger na universidade alemã de Marburgo, e formou-se em filosofia em Heidelberg. (ALES BELLO; BREZZI, 2001, p. 113).

⁴⁹ Maria Zambrano nasceu em 1904, em Vélez, na Província de Málaga; morreu na Espanha em 1986. Filósofa, poeta e mística. Formou-se em filosofia, com uma tese sobre "A salvação do indivíduo em Spinoza". Depois da guerra civil espanhola, vai para o Chile e colabora com o marido na defesa da República como membro do Conselho de Propaganda e do Conselho Nacional da Infância. De 1930 a 1953, viaja pela Europa e América ensinando filosofia. De 1953 a 1964, reside em Roma, colabora em várias revistas e se dedica à produção de suas obras. Em 1988, recebe o Prêmio Cervantes de Literatura (ALES BELLO; BREZZI, 2001, p. 171-172).

⁵⁰ Hedwig Conrad-Martius nasceu em Berlim, morreu em Múnaco em 1966. Foi uma das primeiras mulheres que completou os estudos universitários. Formou-se em história e literatura na universidade de Rostock. De 1909 a 1912, frequentou os cursos de filosofia, psicologia e história da arte em Múnaco e em Göttingen; segue as aulas de fenomenologia com Edmund Husserl. Em 1912, preside a Sociedade Filosófica em Göttingen, e se forma em filosofia sob a orientação de A. Pfänder. Casou-se com seu colega Hanns Theodor Conrad. Em 1919, por causa das dificuldades de

⁴³ PERETTI, Clélia. *Edith Stein e as questões de gênero. perspectiva fenomenológica e teológica*. p. 161.

⁴⁴ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. p. 48

As mulheres são reconhecidas na sociedade quando elas, por liberdade, tendem a desatar-se das amarras impostas pela sociedade – que está culturalmente estruturada num pensamento meramente racionalizado –, e partem para a busca de suas próprias convicções. Assim se expressa Perrot⁵¹:

Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. [...] Até o corpo das mulheres amedronta. É preferível que esteja coberto de véus. Os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são ‘grandes’, ‘grandes homens’. As mulheres não têm sobrenome, apenas um nome. [...] As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou matérias. Seu acesso à escrita é tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Um silêncio consubstancial à noção de honra. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Edith Stein é uma personagem que continua despertando interesse e curiosidade em âmbitos muito diversos. O leque de possibilidade que caracterizou sua vida e sua obra, transforma-se em espaço de interesse renovadores a explorar sua identidade enquanto judia, católica convertida, monja carmelita, filósofa exuberante transitando com maestria por diferentes contextos, feminista pioneira e original, humanista debruçada sobre os mistérios da pessoa humana, formadora fecunda, mulher comprometida com a verdade, mártir. É difícil encontrar um personagem que, como ela, tenha a capacidade de equilibrar tantas dimensões em uma harmonia existencial tão coerente.

A fecundidade dos apontamentos steinianos sobre a formação da mulher estão circunscritos em seu tempo e em sua carne. Ela foi a protagonista, tanto na vida quanto no pensamento, de uma firme resistência aos ancestrais poderes de afirmação masculina. Lutou como judia contra a discriminação aos judeus, comprometeu-se como mulher contra toda inferiorização, firmou-se como filósofa contra todas as recusas. A obra de Stein constitui um antídoto contra violências generalizadas e normalizadas contra a mulher. Seu pensamento se constrói na contramão da racionalidade masculina.

A fenomenologia é seu lugar de fala não só como método de trabalho, mas principalmente como alimento filosófico. Sua vida e

permanência das mulheres na universidade, transfere-se para Bergzabern onde se dedica às suas pesquisas e à preparação das suas conferências. Publica suas obras maiores na área da filosofia da natureza e nas ciências, mantendo sempre presente a prospectiva teológica. Seu grande mérito é ter encontrado uma articulação e não uma separação entre as diferentes ciências. Examina os princípios da fé à luz da fenomenologia (ALES BELLO; BREZZI, 2001, p. 28).

⁵¹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. p. 17.

seu pensamento são fenomenológicos no compasso de um inquietantemente compromisso com a verdade que não se deixa apreender com facilidade. É preciso ir sempre mais além, fazer a suspensão dos juízos para que a verdade não se apresente dogmaticamente mas na vitalidade que lhe é essencial. A pensadora não é apenas uma fiel seguidora de seu mestre Edmund Husserl é autora eficiente que reclama originalidade. De sua proximidade com a fenomenologia busca reconsiderar as construções típicas do Iluminismo moderno que transformou o homem num objeto a ser estudado. Desde a fenomenologia Stein repensa o homem em sua dimensão de ser pessoa humana.

A pessoa humana é seu ponto de partida. Toda a reflexão sobre a condição do feminino não é sectária, ou seja, não se faz retirando e isolando a mulher, mas, antes, reconhecendo sua humanidade. Esta característica marca a originalidade de suas considerações. O proto-feminismo de Stein não se efetiva como uma ideologia, antes, restabelece os limites da paridade entre a mulher e o homem. O que desafia seu pensamento, como visto, é o profundo compromisso com a formação da pessoa humana que se apresenta tanto no homem quanto na mulher.

Na expressividade da Pessoa humana, Edith Stein enfrenta a espinhosa questão para reconhecer o lugar da mulher e os desafios vividos num mundo em turbulenta transformação como o foi o início do século XX. Por isso ela assume o compromisso de revelar os limites que marcam o tripé vocação, formação e educação da mulher. Aliadas historicamente e inseridas numa espécie de conforto induzido pela mentalidade misógina, tais aspirações foram reduzidas e as mulheres empurradas para a marginalidade da casa e, num conformismo induzido, viram limitadas em suas aspirações. Stein, corajosamente ousa pensar nas igualdades de gênero. Seu feminismo, no entanto, não pactua com respostas excludentes para inverter papéis de luta. Toda a especificidade da vocação feminina requer uma formação e uma educação condigna da grandeza inicial tanto dos homens quanto das mulheres.

REFERÊNCIAS

1. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
2. ALES BELLO, Ângela e BREZZI, Francesca (a cura di). *Il filo(sofà) di Arianna. Percorsi del pensiero del Novecento*. Milano: Associazione Culturale Mimesis, 2001.
3. DA ROSA, G. R. *Também há mulheres filósofas: uma obra para pensar a Educação e a Filosofia*. Resenha sobre o livro de Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa, Editorial Caminho, 2001.
4. _____. *A Ideia da Fenomenologia*, Lisboa: Edições 70; 1986.
5. _____. *A Ideia da Fenomenologia*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.
6. KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 5 ed. Coimbra: Fundação Calouste, 2001.
7. KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia filosófica de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
8. _____. *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. 2009 (Dissertação).

9. MACINTYRE, Alasdair. *Edith Stein: A philosophical Prologue 1913-1922*. Maryland Rowman and Littlefield Publishers, 2006.
10. MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein: como ouro purificado pelo fogo*. 3º ed. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2001.
11. MISSAGGIA, Juliana. *Sobre a originalidade de Edith Stein: o papel da distinção entre Körper (corpo físico) e Leib (corpo “vivo”) para a empatia e a constituição do eu*. Revista de Filosofia Aurora, v. 29, n. 48, 2017.
12. PERETTI, Clélia. *Edith Stein e as questões de gênero. perspectiva fenomenológica e teológica*. São Leopoldo: EST/PPG, 2009.
13. PEZZELLA, Ana Maria. *L'Antropologia filosófica di Edith Stein: indagine fenomenológica della persona umana*. Roma: Città Nuova, 2003.
14. _____. *Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein*. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, v. 16, n. 2, p. 199–207, 2010..
15. PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
16. SAVIAN FILHO, J. *Natureza feminina e direitos da mulher na filosofia de Edith Stein*. Revista Jurídica Portucalense/Portucalense Law Journal, n. 24, p. 24–35, 2018.
17. SBERGA, A. A. *A formação da pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2015.
18. SPINELLI, A. *A Sétima Morada: Santa Edith Stein*. Ficha crítica. São Paulo, 1996
19. STEIN, Edith. *Introduzione alla filosofia*. Roma: Città Nuova, 1988.
20. STEIN, Edith. *Storia di una famiglia ebrea. Lineamenti autobiografici: l'infanzia e gli anni giovanili*. Roma: Città Nuova Editrice, 1992.